CIDADES DESENHANTES, UM DESNORTE

Lucimar Bello P. Frange
Pesquisadora voluntária PUC/SP

RESUMO

Os atos de desenhar na e sobre a cidade são tomados, nesta pesquisa, como modos de conceituar, agregar, fazer circular, ampliar as relações entre pessoas nas cidades contemporâneas, além de relações "representacionais" ou "identitárias". Desenhar é dar voz a imagens, falas e ações micropolíticas; atuar em processos criativos e intensivos na vida social, cultural e coletiva.

Palavras chave: desenhos em cidades, experiências singulares, criações coletivas.

ABSTRACT

The act of drawing in and about the city is taken, in this research, as a conception mode, putting together, flowing, enlarging the relationship between people in the contemporary cities, further "identity" or "representative" relations. Drawing is to give voices to images, speech and acts, all micropolitics; act in creative and intensive process in the social, cultural and collective life.

Key words: drawings in the cities, singular experiences, collective creations.

casca oca
a cigarra
cantou-se toda
Bahô (século XVII)
Tradução: Paulo Leminski

Desenhar[1] tem sido meus percursos, desde 1983, como artista, pesquisadora, professora, atora sócio-cultural. Faço um recorte de uma experiência de 2002. Nela atuo como artista desenhante e pesquisadora, ativando nas pessoas, e entre elas, estados de desenhamentos[2]. Tento abordar as muitas cidades que constituem uma mesma cidade, numa tentativa de cantar-me toda, cascas ocas, uma cigarra-cantante dentre muitas cidades-em-desnorte. Mesmo as configurações "zoneadas ou norteadas", trans-figuram-se em contínuas mutações.

Entre 1993 e 1998, realizei os "**Dias Desenhantes"**[3] – desenhos feitos coletivamente, em lugares das cidades de Uberlândia, Belém do Pará, Campinas, São João D'El Rei (Brasil). Em 1994, ganhei a Bolsa da Fundação VITAE, para a Pesquisa em Arte: **"Cidades Utópicas, desenhos contemporâneos"** (sendo os Dias Desenhantes, dela constituintes).

De 2002 a 2010, venho realizando desenhos a partir de imagens da cidade de São Paulo, tomando-a como um grande papel e a máquina fotográfica como a ponta de lápis. Algumas investigações, chamadas "**vasas.cidades.dos Alpes ao Ilha de Capri"**, foram realizadas como pós-doutoramento no Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUC/SP), tendo como produções: postais, cartemas, verbetes, trilogia de vídeos, que continuam sendo expostas em cidades no Brasil, Espanha, Portugal (vazando em cidades de mundos). Os postais são entregues em cada um dos lugares, pedindo às pessoas que os enviem para outras, comentando sobre "cidades inquietas".

Dispositivos de circulação e dispositivos de agregação são partes de pesquisa iniciada em 2010, na qual estão sendo abordados conceitos de **simpatia**, de **alegria** e de **delicadezas**, não como constatações de sentimentos, mas como imagens que instalam entre pessoas, relações de diferenças, linhas de confiabilidade, modos de "como viver junto" (Roland Barthes), atravessados pela solidão[4] (ver Marcel Broodthaers, Gordon Matta Clark, Jorge Macchi, Hélio Oiticica; seminários da 27ª Bienal de SP). Ao diferir (Deleuze), criamos, operamos em nós um "fora", que nos atira e nos ativa para além de um "euzinho"; nos move para ações de vizinhança, ressonâncias, contaminações. **Simpatia**, como produção de subjetividades, afetações intensivas, estratégias de vibração em conjunto, uma forma do conhecimento se fazer (David Lapoujade); **alegria**, como estados de "bons encontros" (Espinosa); **delicadezas**, como dispositivos, na arte contemporânea, de partilha, de doação, de encontros des-interessados e des-mercantizados. A pesquisa atual se propõe a questionar, inclusive, *a doença da identidade que nos fecha em nós mesmos, impedindo-nos de criar um 'fora', ar e vento livres, respiração para viver* (José Gil, p. 10)[5]; há que se investir em diagramas de acontecimentos.

Desenhar, construir cidades vividas, imaginárias, visivas, tem sido percursos coletivos há tempos largos e longos... Estamos em 2010 e as interlocuções,

investigações durante todos estes anos, passam por construções, desconstruções, reconstruções, acontecimentos com e entre atores socioculturais em várias cidades. Fragmentações, articulações, sonhos, utopias, proposições micropolíticas, estéticas e estésicas, são instâncias a serem pensadas.

Olhar, perceber, sentir e propor cidades numa mesma cidade são olhares construídos e des.ancorados nas interculturalidades e nas interterritorialidades[6] nas quais vivemos. É uma constante integração com o meio no qual estamos mergulhados em inúmeras histórias pessoais, coletivas e, nos adensamentos em suspensão. *O olhar constrói, não é neutro, não é passivo, enfim, não é uma simples janela a ser aberta para o mundo. O olhar age sobre o mundo e age sobre a sociedade*[7]. Pensar as cidades ativa, em todas as dimensões, olhares corpóreos em corpos-corpantes.

Nelson Brissac Peixoto, no catálogo Artecidadezonaleste, pergunta: *de quem é a cidade? A metrópole de hoje emerge como um local estratégico para todo um leque de novos tipos de operações – políticas, econômicas e culturais. Novos alinhamentos compõem o campo de batalha da cidade global. Surgem novos atores sociais: as corporações multinacionais e a multidão. A cidade global do modernismo tardio é uma operação de reestruturação do espaço urbano, controle e exclusão social*.[8] As cidades contém nelas, constantes desnortes.

A temática do Desenho Urbano tem sido exercícios sobre uma metrópole e as inúmeras e complexas cidades nela constituídas, nela instituintes.

A "Oficina de Desenho Urbano: As Crianças, os Jovens e a Cidade no Cerrado"[9] foi realizada em Uberlândia e nos seus distritos: Tapuirama, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos e Miraporanga, gerando uma coleção de 12 postais, 2643 desenhos, 12 out-doors (coordenação de Lilian Amaral), encarte no Caderno Cultura no Jornal Correio de Uberlândia. Estes materiais são todos, falas-vozes dos desenhadores, depoimentos, perguntas, diálogos, multiplicidades, densidades humanas que têm nos impulsionado a dar seguimento a pesquisas por parte de vários profissionais. O tema "A cidade em que você vive e a cidade que você gostaria de construir" foi o convite-acionador-provocador para que as pessoas moradoras da cidade fizessem em 40 praças, num mesmo domingo, seus desenhos-proposições. Os desenhadores

tinham idades de 04 a 82 anos. Esta experiência-andante tem distribuições dos postais; do livro: "Oficina de Desenho Urbano, desenhando e construindo a cidade no Cerrado"; exemplares em CD-ROM; vídeo artístico documental: "Desenhos Cidades Desejos"; Cartelas: "Conversas de Desenhos com Desenhos". São todos, dispositivos de publicização, de circulação, de agregação, de ativação de diferenças dessa experiência-coletiva – pensar, questionar, propor por DESENHOS, uma Cidade e "suas periferias" (distritos).

DesenhosnasPraçasenosDistritosdaCidadenoCerrado.Uberlândia; *eu sou a minha distância*[10]

A "Oficina de Desenho Urbano" é momento das vozes e das falas desenhadas, de crianças, jovens e cidadãos a proporem uma cidade da possibilidade humanística, da utopia, do imaginário: *uma Minas de muitas minas*, parafraseando Guimarães Rosa. É proposição cultural ancorada em dimensões políticas, pedagógicas, culturais e sociais. *A política*, segundo Renato Janine Ribeiro, *não está ligada à polis, à cidade, às organizações das instituições como estava na tradição da teoria política, mas está ligada ao poder, no sentido de ser a maneira como nós pegamos os fios descosturados de uma vida e tentamos ser senhor destes. Fazer política é ser um cidadão ativo, de minha vida, um 'condotiere' de meu destino; é deixar de ser um joguete passivo daquilo que me formou*.[11]

Como diz Bruno Kardele Dantas, um dos desenhadores: *achei legal porque desperta esperança, amor e alegria*, dimensões a serem trabalhadas enquanto "sustâncias" de vida neste milênio que se inicia, substâncias para vidas a serem re-significadas.

O livro "Oficina de Desenho Urbano, desenhando e construindo a cidade no Cerrado"[12], traz vozes de desenhadores e de oficineiros colaboradores que, agregadas às conversas, às leituras visuais, verbais, sonoras, ampliam as percepções de cidades, são fluxos e entre-fluxos citadinos a nos constituírem.[13]

Como eu vou desenhar como eu vejo a cidade? Eu nunca andei de avião...

... a vontade de desenhar é grande, mas às vezes a timidez impede que a criança consiga expor seus pensamentos...

... o fato que mais atraiu e despertou a atenção das crianças foi o plantio da árvore e fez com que elas conversassem e brincassem juntas...

Dois policiais passaram pela praça e também desenharam.

Os jovens estavam sempre acompanhados por amigos e sempre sentiam vergonha ao desenhar.

Posso buscar minha régua, meu lápis de cor, o que nós vamos ganhar?

Pessoas de 02 a 70 anos tiveram o prazer de desenhar.

Cíntia desenhou um cruzamento e pediu não violência no trânsito. Ela já foi atropelada; estava em uma moto com o pai. Um senhor bêbado, andando de bicicleta, atravessou na frente da moto...

Wallison (3 anos) desenhou o lixo nas ruas, pois ele não quer lixo nas ruas nem nas praças.

Vou desenhar uma quadra pintada porque fizeram essa, mas não é uma praça, é um curral de cavalo...

Desenhei os prédios chiques e os barracos ao lado.

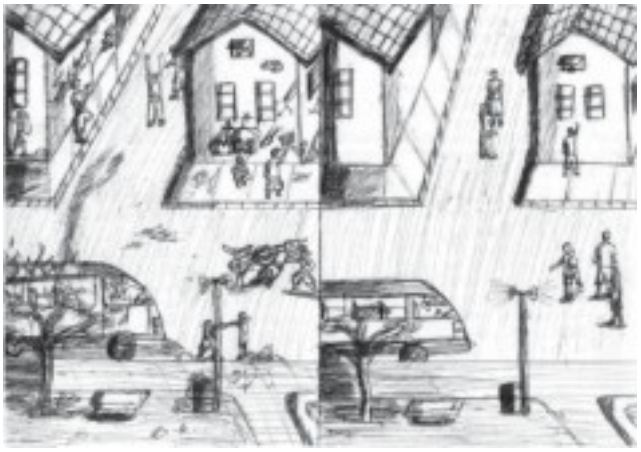
Desenhei um rapaz assaltando porque existe essa realidade na cidade.

Eu tentei desenhar a paz.

A escola inteira está aqui.

Gostaria que tivesse policiamento, um posto de saúde melhor; melhorar a escola, mais salas, pois tem alunos que não podem entrar; é preciso de aulas de computação, área de lazer para o povo, clube.

Deveria ter mais cursos de aperfeiçoamento, pois as fazendas precisam ter pessoas qualificadas.



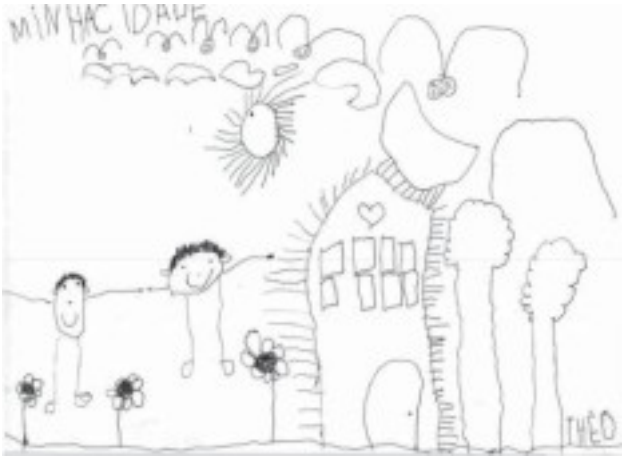
Hudson Oliveira Filho, 14 anos

Flávia Cardoso Rodrigues, 13 anos

Aline Almeida de Souza, 10 anos

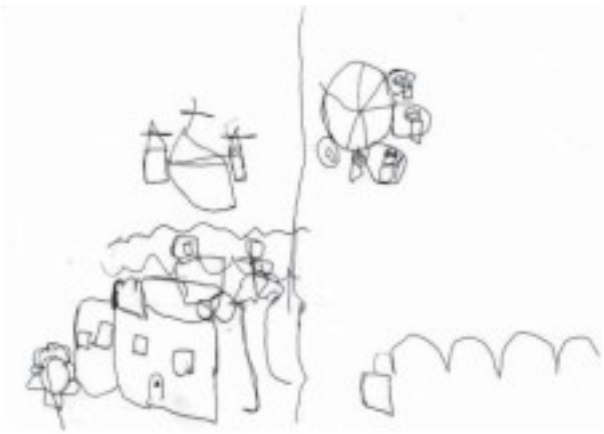
Ana Tereza C. M. Ordonis, 8 anos

Gabriel Munhõs, 42 anos



Théo Borges Faria, 4 anos

Gabriel Moraes, 18 anos



Lúcio Antonio Alves, 5 anos

Pós Produção, Cada Lugar é o Mundo[14]

Instaurando Espaços Transitórios

A arte é um caminho que leva para regiões que o tempo e o espaço não regem.
Marcel Duchamp

A megalópole constitui-se como entidade urbana específica, própria de um período e do meio técnico-científico-informacional; é espaço heterogêneo e fragmentado; *lócus* de múltiplas racionalidades, espacialidades, temporalidades; *locus* de blocos de sensação (blocos de infância, de "adultidades", de trabalhadores, de pesquisadores... nos quais estamos imersos como pessoas). A megalópole é espaço de potencializar densidades, especificidades, diversidades, inter-comunicabilidades, inter-territorialidades, inter-culturalidades.

Incorporar a questão do cotidiano e suas práticas permite compreender a realidade dialética interna do espaço megalopolitano: entre a razão sistêmica, de dominação, e o mundo vivido (SANTOS,1994), atreladas às sensações de corpos em relações, em atos e em situações (num mundo de mudanças constantes).

A metrópole como subespaço tem na rua.praça.pracialidades, sínteses de lugares. Territórios e lugares permitem compreensões maiores do que se tomássemos cada um isoladamente. Conforme Milton Santos, "(...) tudo começa com o conhecimento do mundo e se amplia com o conhecimento do lugar, tarefa conjunta que é hoje tanto mais possível porque **cada lugar é o mundo**. Daí advém uma possibilidade de ação" (SANTOS, 1994, pp 116-117), e de múltiplas diferenças.

A praça constitui um dos mais importantes espaços, se não o mais importante, para os encontros na esfera da vida pública. Consideramos a praça um lugar simbólico, político, cultural essencialmente voltado para o encontro. A praça como espaço, não é apenas forma ou paisagem, cenário ou palco para as ações humanas. A praça é um conjunto indissociável entre um sistema de objetos, de ações, de invenções de pessoas e suas inter-relações.

Podemos formular uma categoria de entendimento do lugar, qual seja, a da "pracialidade": um "estado de praça", uma prática espacial, específica da esfera da vida pública. "Pracialidades são concretudes, existências que se situam no tempo-espaço, participando da construção e das metamorfoses da esfera da vida pública" (QUEIROGA, 2001).

Fluxos, Metrópoles, visibilidades e lugares como criadores de sentidos

Num mundo em que cresce o poder da imagem e de práticas virtualizadas e intermediadas por telas, em que cresce a desigualdade social, a praça torna-se ainda mais importante caso se deseje construir uma sociedade mais consciente de si, pessoal e socialmente falando. A praça é lugar do simbólico, do imaginário de interações públicas marcadas pela biodiversidade e pelas liberdades; permite aos que dela se apropriam a visão e a co-presenças diante das diferenças dos que co-habitam a metrópole. Reconhecer, convocar, ativar alteridades são passos para a des.alienação, passos para exercícios vidas sócio-coletivas, inventivas.

As representações da cidade são presentificações que surgem e demarcam sua inserção na história e na tessitura do espaço urbano; são informações/ações que se processam; suporte-palco-platéia. Estas informações/ações são fluídas e velozes, correspondem a fluxos, inspiram ações na simultaneidade espaço/temporal. Caracterizam os processos eletrônicos da comunicação e são responsáveis pelo diálogo e tensão entre cidades. Lembremos que uma cidade é muitas cidades.

Hábitos e experiências apresentam-se visualmente, porém a natureza da imagem produzida tem ontologias diversas que permitem falar em visualidades. A imagem se insinua na constatação receptiva do visual físico e concreto das marcas fixas, que referenciam a cidade e a identificam. A visibilidade corresponde à elaboração perceptiva e reflexiva das marcas visuais que ultrapassam o recorte icônico para ser flagrada em indícios. Do espetáculo à experiência da cidade passa-se às diferenças entre visualidade e visibilidade, passa-se da cidade ao lugar, e de uma semiótica visual da cidade a uma semiótica do lugar invisível. Lugar das operações sensíveis. Opera-se uma distinção entre visualidade e visibilidade; entre recepção, percepção e sensação; entre comunicação e informação; entre padrão e dinâmica de valores culturais. Em todas essas diferenças se produzem metamorfoses do olhar. A visibilidade do lugar pode ser criadora de sentidos e significados da cidade. A cidade nos leva a rever conceitos de espaço próximo ou distante, local ou global e, parece, um rejeita o outro e se podem anular ou valorizar como diferenças. Em cada lugar processam-se conexões entre lugares próximos, distantes, visinhos, longínquos. Em cada lugar confrontam-se diversidades, diferenças, identidades, alteridades. **Cada Lugar é o Mundo**.

As percepções, as sensações dos lugares não dependem da forma na cidade, mas do olhar do leitor.vedor.participador, capaz de superar o hábito e perceber as diferenças: um olhar que se debruça sobre a cidade para perceber suas dimensões e sentidos que estabeleçam lugares como fronteira entre a cidade e o sujeito atento, astuto, arguto. Para esboçar uma conclusão, ainda que processual, evocamos as idéias de Lucrecia Ferrara que aponta ser "essa a base epistemológica da visibilidade da cidade pelo lugar, porque se a visualidade da cidade está nas formas que a constroem, a visibilidade está na possibilidade do sujeito debruçar-se sobre a cidade, seu objeto de conhecimento para, ao produzi-la cognitivamente, produzir-se e perceber-se como leitor, criador e cidadão" (FERRARA, 2003, p. 127).

ruas.praças.cidades.ações de com-par-trilhar

Situamos, escolhemos e apresentamos as experiências inundadas e ancoradas no coletivo: **INTERTERRITORIALIDADES: PASSAGENS, CARTOGRAFIAS e IMAGINÁRIOS** (Lilian Amaral) e **CIDADES DESENHANTES, UM DESNORTE** (Lucimar Bello). Estas esbarram nas relações h**um**a**nas** e **u**rb**anas**; nas dimensões intra, entre, inter. As "intra", cada pessoa com seus repertórios e desejos; as "entre", trocas e desafios de com-par-trilhar trilhas coletivas; as "inter", as culturalidades e territorialidades intercambiadas. Imagens, palavras, vídeos, experiências ambientais são partes constitutivas da apresentação deste texto, com tentativas de criações "verbovocovisuais"[15] que quer dizer, a mobilização da materialidade visual, vocal, sonora e semântica das palavras, na cidade. A pesquisa em arte, constituindo-se como matéria criativa na reunião entre os ANPAPianos, tornando-se comunicação criadora, ativadora de questões, muito mais do que de "caminhos e resultados". A apresentação se propõe instaurar, em co-autorias abertas, estados colaborativos de performação investigativa. LLilian Amaral e LLucimar Bello

---

[1] Desenhar são imagens, envolvimento de idéias, formas indagadoras, análises, meios pelo quais as pessoas explicitam, mostram, fazem ver, percepções, sensações, conflitos e invenções de mundos.

[2] Estados de "desenhamentos" são intensidades, sensações que mostram pelo fazer, estados de ser, quer dizer, os desenhos feitos coletivamente em espaços da esfera pública, são vozes de desejos, de modos de habitar, de modos de pensar, de questionar relações de modos de viver coletivamente.

[3] Nos Dias Desenhantes eu escolhia nas cidades, lugares de agregação de pessoas. Negociava com os responsáveis pelo espaço, uma "ocupação" e, num dia da semana (previamente escolhido), chegava ao local, fazia um desenho no chão e chamava os passantes para desenharem: "Você quer desenhar comigo? Eu fiz um desenho. O papel é o chão e as pontas de lápis estão ali..." (apontava para os materiais colocados em um canto, próximo ao meu desenho). Os meus desenhos eram feitos com câmaras de ar (borrachas de pneus de caminhão

ou trator). Os materiais considerados como ponta de lápis, eram catados nas ruas (folhas, flores secas, gravetos, água na cachoeira, papéis de refilagem de gráficas, retalhos de fabrica de cadeiras, de fábrica de cozinhas). Eu passava antes dos lixeiros. Com estes materiais pedia que as pessoas fizessem seus desenhos. O meu "já estava lá", habitando o lugar. Os das pessoas estavam em "estados nudez de devires". Muitas pessoas diziam: *eu não sei desenhar* e eu respondia "que também não sabia, fazia ali, exercícios de desenhos. As pessoas podiam optar em fazer no não; algumas não desenhavam, mas retornavam, para ver e comentar os desenhos dos outros.

[4] PAL-PELBART, Peter. Como viver só. In: *27ª Bienal de São Paulo; seminários*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2008.

[5] GIL, José. *Em busca da identidade, o desnorte*. Lisboa, Relógio D'Água, 2009.

[6] BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Lilian (orgs). *Interterritorialidades: mídias, contextos, educação*. São Paulo, Ed. SENAC, SESC/SP.

[7] DUARTE, Paulo Sérgio. *O campo expandido da arte, parte 3. Mudança de regime de percepção*. Em: www.cultura-e.com.br

[8] DUARTE, Paulo Sérgio. *O campo expandido da arte, parte 3. Mudança de regime de percepção*. Em: www.cultura-e.com.br

[9] Coordenação Geral: Lucimar Bello P. Frange e Luiz Gonzaga Falcão Vasconcelos.

[10] "Eu sou a minha distância" é sub título usado por Peter Pal-Pélbart, no texto Como viver só. In: *27ª Bienal de São Paulo; seminários*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2008.

[11] RIBEIRO, Renato Janine. A postura do brasileiro diante da ética e o preconceito que existe em relação á política do país. In: *Calendário de Extensão e Cultura*. São Paulo: USP, dez, 2001.

[12] Este livro foi escrito por 50 pessoas envolvidas no Projeto, coordenado por Eliane de Fátima Vieira Tinôco, Lázaro Vinícius Oliveira da Silva, Lucimar Bello P. Frange, Luiz G. Falcão Vasconcelos e Rafael Tannús Moreira. Aborda olhares, conversas com imagens, falas dos participantes, poemas. Foi concebido para ser lido por partes (sem a necessidade de uma leitura seqüenciada). Constam no livro, os créditos aos desenhadores, oficineiros, coordenadores de todas as etapas, gráficos, tabelas de análises, inúmeras fotos.

[13] As vozes foram preservadas inclusive com erros de português.

[14] Pós-produção, **Cada Lugar é o Mundo**, é parte de práxis-pesquisante entre duas ANPAPianas – LLilian Amaral e LLucimar Bello, que discutiram e escolheram as experiências a serem apresentadas nesta ANPAP, 2010. É trajetória, exercícios coletivos, acionando dinâmicas para apresentação de pesquisas com-par-trilhadas.

[15] Augusto de Campos (São Paulo SP 1931) Poeta, ensaísta e tradutor de poesia, foi um dos principais articuladores do movimento internacional da poesia concreta, nos anos 50 e 60. Tradutor de Mallarmé, Joyce, Pound e dos poetas provençais, entre outros, foi também responsável pelo resgate de importantes autores da literatura brasileira, como Sousândrade e Pedro Kilkerry. O corpo principal de sua obra poética encontra-se reunido nos livros *viva vaia, poesia* 1949-1979 (Ed. Duas Cidades, 1979; Ed. Brasiliense, 1985); *expoemas* (Ed. Entretempo, 1986); e *despoesia* (Ed. Perspectiva, 1994). Em 1995, lançou com seu filho, o músico Cid Campos, o CD *Poesia É Risco* (Polygram). A performance criada a partir do CD, em parceria com Walter Silveira, já foi apresentada em diversos eventos, no Brasil e no exterior. Nos últimos anos, Augusto de Campos vem se dedicando à feitura de poemas "verbovocovisuais" em mídia digital.

Referências

ANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível, estética e política*. São Paulo, Ed. 34, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *Lilian Amaral e Corpo Poético.* São Paulo: Sesc Pinheiros, 1996.

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CANTON, Kátia. *O Corpo Interdisciplinar.* In: Corpo Poético. São Paulo: Sesc Pinheiros, 1996.

DUDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo, Ed 34, 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Lugar na Cidade: Conhecimento e diálogo.* In: SOUZA, Maria Adélia de.[org].*Território Brasileiro: Usos e Abusos.* Campinas: TERRITORIAL, 2003.

JACOB, MJ. *Bienal na Rua.* Jornal da Tarde. São Paulo, 24 jan. 1997, p.1-8 E. Encarte especial comemorativo do 443º. Aniversário da cidade de São Paulo.

QUEROGA, E. *A megalópole e a praça: O espaço entre a razão e a ação comunicativa.* São Paulo, 2001. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

MITCHELL, WJT. *Art and the Public Sphere.* Chicago – University of Chicago Press, 1992.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

Lucimar Bello

Artista plástica, exposições Brasil, Exterior. Doutora em Artes, ECA/USP. Pós-doutora em Comunicação e Semiótica, e no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP. Pesquisadora voluntária no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP. Livros: *Por que se esconde a violeta?* SP: Anna Blume. *Noemia Varela e a Arte*, BH: C/Arte. *Oficina de Desenho Urbano,* (org. com L. Falcão V.). Uberlândia: EDUFU. Vídeos: *Noemia Varela e a Arte*. DVD: *vasas.cidades.dos Alpes ao Ilha de Capri*. Integrante Comitê Ensino Aprendizagem da Arte ANPAP.